

2030

COMO AS MAIORES TENDÊNCIAS DE
HOJE VÃO COLIDIR COM O FUTURO DE
TODAS AS COISAS E REMODELÁ-LAS

MAURO F. GUILLÉN


ALTA/CULT
EDITORA
Rio de Janeiro, 2021



SUMÁRIO

Alguns Fatos e Números	ix
Introdução	1
<i>O Tempo Está Passando</i>	
Capítulo 1: Siga os Bebês	13
<i>“Seca” Populacional, o Baby Boom Africano e a Próxima Revolução Industrial</i>	
Capítulo 2: Grisalho é o Novo Preto	43
<i>Idosos Experientes em Tecnologia, Adiamento da Aposentadoria e a Nova Classificação de “Velho” e “Novo”</i>	
Capítulo 3: Acompanhando os Singhs e os Wangs	73
<i>A Velha Classe Média, a Nova Classe Média e a Batalha pela Atenção</i>	
Capítulo 4: O fim do Segundo Sexo?	99
<i>Os Novos Milionários, Empresários e Líderes de Amanhã</i>	
Capítulo 5: As cidades Afundam Primeiro	127
<i>Aquecimento Global, Hipsters e a Trivialidade da Sobrevivência</i>	

Capítulo 6: Mais Celulares que Vasos Sanitários	153
<i>Reinventando a Roda, a Nova Explosão Cambriana e o Futuro da Tecnologia</i>	
Capítulo 7: Imagine um Mundo Sem Posses	181
<i>Surfando nas Ondas, Efeitos da Rede e o Poder de 8,5 Bilhões de Conexões</i>	
Capítulo 8: Mais Moedas que Países	207
<i>Imprimindo Seu Próprio Dinheiro, Blockchain e o Fim do Sistema Bancário Moderno</i>	
Conclusão	229
<i>Dicas e Truques para Sobreviver a 2030</i>	
Posfácio	243
<i>Como Um Evento Completamente Improvável Como a COVID-19 Afeta as Tendências Discutidas no livro 2030</i>	
Fontes	247
Índice	271

SIGA OS BEBÊS

“Seca” Populacional, o Baby Boom Africano e a Próxima Revolução Industrial

Um bebê vem ao mundo não apenas com uma boca e um estômago, mas também com um par de mãos.

- Edwin Cannan, economista e demógrafo britânico

O ritmo do crescimento populacional parece assustador. Em 1820, havia um bilhão de pessoas na Terra. Um século depois, esse número já estava em 2 bilhões. Após um breve hiato resultante da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial, a taxa de crescimento ganhou uma velocidade de tirar o fôlego: 3 bilhões em 1960, 4 bilhões em 1975, 5 bilhões em 1987, 6 bilhões em 2000 e 7 bilhões em 2010. “Controle populacional ou corrida para o esquecimento?”¹ foi um *slogan* da capa do *The Population Bomb*², o influente livro dos professores Paul e Anne Ehrlich, da Universidade de Stanford, publicado em 1968. Desde então, governos de todo o mundo e grandes setores da opinião pública ficaram seriamente alarmados com o que consideraram inevitável: saturaremos o planeta e nos destruiremos (e milhões de espécies vegetais e animais) no processo.

A realidade é que até 2030 estaremos enfrentando uma “seca” de bebês.

Nas próximas décadas, a população mundial crescerá menos da metade do que cresceu entre 1960 e 1990. Em alguns países, a população realmente diminuirá de tamanho (ausência de taxas muito altas de imigração). Por exemplo, desde o início

1 NT: tradução livre do original em inglês “Population control or race to oblivion?”.

2 NT: sem tradução para o português.

da década de 1970, as mulheres norte-americanas tiveram, em média, menos de dois bebês ao longo da vida reprodutiva — uma taxa insuficiente para garantir a substituição geracional. O mesmo acontece em muitos outros lugares ao redor do mundo. Pessoas de diversos países, como Brasil, Canadá, Suécia, China e Japão estão começando a se perguntar quem cuidará dos idosos e pagará por suas aposentadorias.

À medida que as taxas de natalidade diminuem no leste da Ásia, na Europa e nas Américas, combinadas com um declínio muito mais lento na África, no Oriente Médio e no sul da Ásia, o equilíbrio global do poder econômico e geopolítico muda. Reflita: para cada bebê nascido hoje em dia nos países desenvolvidos, mais de nove nascem nos mercados emergentes e nos países em desenvolvimento. Em outras palavras, para cada bebê nascido nos Estados Unidos, 4,4 estão nascendo na China, 6,5 na Índia e 10,2 na África. Além disso, as melhorias na nutrição e na prevenção de doenças nas regiões mais pobres do mundo possibilitaram que um número crescente de bebês chegassem à idade adulta e se tornassem pais. Há meio século, uma em cada quatro crianças com menos de 14 anos morria em países africanos como Quênia e Gana, enquanto hoje essa mortalidade acontece em menos de uma em cada dez. Essas rápidas mudanças nas populações relativas de várias partes do mundo estão sendo impulsionadas não apenas por quem está tendo mais filhos, mas também por aqueles cuja expectativa de vida está aumentando mais rapidamente. Por exemplo, na década de 1950, a expectativa era de que as pessoas nascidas nas regiões menos desenvolvidas do mundo vivessem uma média de trinta anos a *menos* do que aquelas nascidas nas regiões mais desenvolvidas. Hoje a diferença é de dezessete anos. Entre 1950 e 2015, as taxas de mortalidade caíram apenas 3% na Europa, mas impressionantes 65% na África. Os países mais pobres estão se igualando em termos de expectativa de vida graças à menor mortalidade em todas as faixas etárias.

Para avaliar o impacto mundial dessas mudanças demográficas, veja a Figura 3. Ela mostra a porcentagem da população total do mundo em diferentes regiões, entre 1950 e 2017, com previsões para o ano 2100, calculadas pelas Nações Unidas.

Concentre sua atenção em 2030. Nesse ano, o sul da Ásia (incluindo a Índia) consolidará sua posição como a região número um em termos de tamanho populacional. A África se tornará a segunda maior região, enquanto o Leste Asiático (incluindo a China) será relegado para o terceiro lugar. A Europa, que em 1950 era a segunda maior, cairá para o sexto lugar, atrás do Sudeste Asiático (que inclui Camboja, Indonésia, Filipinas e Tailândia, entre outros países) e da América Latina.

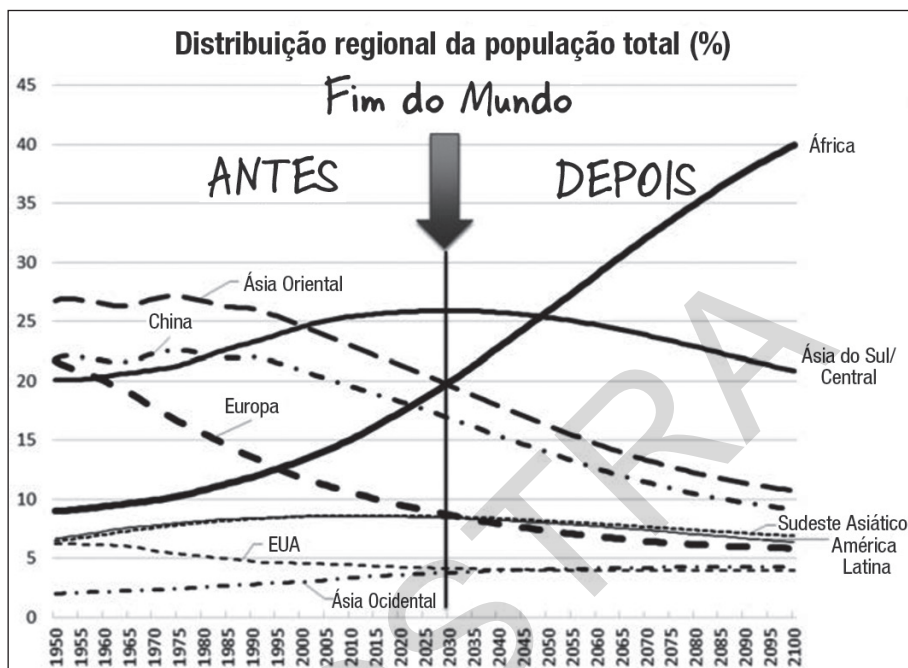


FIGURA 3

A migração internacional pode mitigar parcialmente essas mudanças históricas, redistribuindo as pessoas das regiões do mundo com um excesso de bebês para outras regiões que apresentam um déficit. De fato, isso aconteceu muitas vezes ao longo da história, como quando muitos europeus do sul migraram para o norte da Europa durante as décadas de 1950 e 1960. Desta vez, no entanto, a migração não contrabalanceará as previsões do gráfico anterior. Digo isso porque muitos governos parecem ter a intenção de construir muros, seja à moda antiga (com tijolo e argamassa) ou utilizando tecnologias como lasers e detectores químicos para monitorar as passagens fronteiriças, ou ambos.

Mas mesmo que os muros nunca sejam construídos ou algo os torne ineficazes, minhas previsões indicam que o impacto da migração pode não representar um grande impacto nessas tendências populacionais. Dados os atuais níveis de migração e crescimento populacional, a África Subsaariana — os cinquenta países africanos que não fazem fronteira com o Mar Mediterrâneo — se tornará a segunda região mais populosa do mundo até 2030. Vamos supor, por um momento, que a migração dobre de volume nos próximos vinte anos. Mas o dobro da migração adiará esse

cálculo até o ano de 2033. Ela não inviabiliza as principais tendências populacionais que levam ao fim do mundo como o conhecemos, mas apenas as adiam em aproximadamente três anos.

MULHERES E BEBÊS DOMINAM O MUNDO

Então, o que está por trás da diminuição global da fertilidade? É difícil responder a essa pergunta. Afinal, conceber bebês envolve um método amplamente conhecido, fácil de usar e extremamente popular. Deixe-me começar a responder à pergunta falando sobre minha própria árvore genealógica. Uma das minhas trisavós, na Espanha, passou por vinte e uma gestações, dando à luz dezenove bebês. O primeiro nasceu quando ela tinha 21 anos e o último, quando tinha 42. Conforme o país se desenvolveu e as mulheres obtiveram melhor acesso à educação, as famílias se tornaram menores, chegando a um ou dois filhos por mulher.

É importante entender que, em outras partes do mundo, incluindo a África, o Oriente Médio e o Sul da Ásia, existem atualmente milhões de mulheres que dão à luz cinco, dez ou até mais bebês ao longo da vida. Em média, no entanto, o número de bebês por mulher também está diminuindo nos países em desenvolvimento com o passar do tempo e, pelas mesmas razões, começou a despencar no mundo desenvolvido duas gerações atrás. As mulheres agora desfrutam de mais oportunidades fora de casa. Para aproveitar essas oportunidades, elas continuam estudando e, em muitos casos, buscam o ensino superior. Isso, por sua vez, significa que elas adiam a gravidez. A mudança nos papéis das mulheres na economia e na sociedade em geral é o fator mais importante por trás do declínio da fertilidade no mundo todo. As mulheres estão determinando cada vez mais o que acontece em todo o mundo.

Considere o caso dos Estados Unidos, onde as prioridades das mulheres mudaram rapidamente. Na década de 1950, as mulheres norte-americanas se casavam, em média, aos 20 anos. Já os homens, aos vinte e dois. Atualmente, a média está entre vinte e sete e vinte e nove, respectivamente. A idade média das mães de primeira viagem também aumentou para vinte e oito. Grande parte dessa mudança foi motivada pela maior escolaridade. Hoje em dia, mais mulheres se formam no ensino médio e ingressam no ensino superior. Nos anos 1950, cerca de 7% das mulheres entre 25 e 29 anos tinham diploma universitário, metade do número correspondente de homens. Atualmente, a proporção de mulheres com diploma universitário é de quase 40%, enquanto que, para os homens, esse número é de apenas 32%.

A DIMINUIÇÃO DO NOSSO INTERESSE EM SEXO

A evolução das populações humanas tende a ser confusa. Durante milênios, o crescimento populacional foi moldado pela disponibilidade de alimentos, pela ocorrência de guerras, pela disseminação de doenças e pelo impacto de desastres naturais. Filósofos, teólogos e cientistas lutam há séculos com a questão de quantos seres humanos podem ser sustentados com os recursos da Terra. Em 1798, o reverendo Thomas Robert Malthus, um economista e demógrafo britânico, alertou sobre o que mais tarde ficaria conhecida como “armadilha malthusiana”, ou nossa tendência de nos reproduzirmos excessivamente e esgotar nossas fontes de sustento. Durante a vida de Malthus, a população do mundo ficou abaixo de 1 bilhão (em comparação aos 7,5 bilhões de hoje). De acordo com ele, os humanos eram seus piores inimigos, por causa de seus impulsos sexuais irrestritos. Na sua opinião, o crescimento populacional descontrolado resultaria em fome e doença, porque o suprimento de alimentos não conseguiria acompanhar o ritmo da população. Malthus e muitos de seus contemporâneos temiam que a espécie humana estivesse em risco de extinção devido ao excesso de reprodução. “O poder da população”, escreveu ele, “é tão superior ao poder na Terra para produzir subsistência para o homem que a morte prematura deve, de uma forma ou de outra, visitar a raça humana.”

Com o benefício da retrospectiva, podemos dizer hoje que Malthus subestimou o potencial de invenção e inovação, o que levou a melhorias fenomenais nos rendimentos agrícolas. Ele também minimizou as imensas possibilidades de se expandir o suprimento de alimentos por meio do comércio internacional, graças ao transporte transoceânico mais rápido e mais barato. No entanto, ele estava certo ao enfatizar que a população e o alimento são dois lados da mesma moeda.

Se Malthus subestimou o impacto potencial da inovação na produção e distribuição de alimentos, ele não imaginou como a tecnologia moderna poderia reduzir nosso apetite por sexo. A conexão entre os dois é surpreendentemente simples. Quanto maior o número de formas alternativas de entretenimento que temos disponíveis, menos frequentemente praticamos sexo. A sociedade moderna oferece uma variedade de opções de entretenimento, de rádio e TV a videogames e mídias sociais. Em alguns países desenvolvidos, incluindo os Estados Unidos, as taxas de atividade sexual vêm diminuindo nas últimas décadas. Um estudo abrangente publicado no *Archives of Sexual Behavior*³ constatou que “os adultos norte-americanos fizeram sexo

3 NT: periódico acadêmico revisado por pares em sexologia. É a publicação oficial da Academia Internacional de Pesquisa Sexual.

cerca de nove vezes menos por ano no início de 2010, em comparação com o final dos anos 1990”, um declínio sentido principalmente entre os norte-americanos casados e aqueles com um parceiro estável. Fazendo os devidos ajustes em termos de idade, “os nascidos na década de 1930 (geração silenciosa) eram o que faziam sexo com mais frequência, enquanto os nascidos na década de 1990 (*millennials* e *pós-millennials*) são os que fazem sexo com menos frequência”. O estudo concluiu que “os norte-americanos estão fazendo sexo com menos frequência devido a... um número crescente de indivíduos sem um parceiro estável ou conjugal e um declínio na frequência sexual entre aqueles que possuem parceiros”.

Um exemplo curioso que demonstra o efeito das formas alternativas de entretenimento sobre nosso apetite sexual envolve um apagão. Em 2008, na ilha de Zanzibar, na costa leste da África, uma queda de energia particularmente desagradável durou um mês inteiro. Ela afetou apenas a parte da ilha onde as casas estavam conectadas à rede. O resto da população continuou a usar seus geradores a diesel. Essa situação proporcionou aos pesquisadores um “experimento natural” exclusivo para estudar o efeito do apagão no comportamento da fertilidade das pessoas, porque o “grupo de tratamento” dos clientes da rede elétrica ficou sem eletricidade por um mês, enquanto o “grupo de controle”, que usou geradores a diesel, não sofreu qualquer problema. Nove meses depois, cerca de 20% mais bebês do que o normal nasceu no grupo de tratamento, o que não ocorreu no grupo de controle.

O DINHEIRO FAZ O MUNDO GIRAR

O dinheiro, previsivelmente, também desempenha um grande papel em nossas decisões sobre fertilidade. Em 2018, o *New York Times* encomendou uma pesquisa para descobrir por que os norte-americanos estão tendo menos filhos ou até mesmo nenhum filho. Quatro dos cinco principais motivos tinham a ver com dinheiro. “Os salários não estão crescendo proporcionalmente ao custo de vida e, considerando principalmente os empréstimos estudantis, é realmente muito difícil manter sua situação financeira — mesmo se você tiver uma formação universitária, trabalhar em um emprego formal e tiver duas fontes de renda”, observou David Carlson, um homem casado de 29 anos, cuja esposa também trabalha. Os jovens de famílias de baixa renda também têm medo de ter filhos, forçados a escolher entre formar uma família ou gastar dinheiro com outras coisas de valor. Por exemplo, Brittany Butler,

natural de Baton Rouge, Louisiana, é a primeira em sua família a se formar na faculdade. Aos 22 anos, suas prioridades são se formar em serviço social, pagar seus empréstimos estudantis e morar em um bairro seguro. Os bebês podem esperar.

Na década de 1960, Gary Becker, economista da Universidade de Chicago, propôs uma maneira inovadora de pensar sobre as decisões de fertilidade das pessoas: os pais fazerem cálculos compensatórios entre a *quantidade* e a *qualidade* dos filhos que desejam ter. Por exemplo, à medida que a renda familiar aumenta, as pessoas podem comprar um segundo ou terceiro automóvel, mas não compram uma ou duas dúzias deles se suas finanças continuarem a melhorar indefinidamente. Também não compram uma dúzia de geladeiras ou máquinas de lavar. Becker argumentou que, em vez de aumentar a quantidade, o aumento da renda leva as pessoas a se concentrarem na qualidade, ou seja, eles substituem seus carros usados por sedãs ou SUVs mais novos, maiores ou mais luxuosos. No caso de crianças, isso se traduz em prestar mais atenção e dedicar mais recursos a um número menor de crianças. “A interação da quantidade e qualidade das crianças”, escreveu ele, “é a razão mais importante pela qual o preço efetivo das crianças aumenta com a renda”, o que significa que, à medida que os pais veem seus ganhos subirem, eles preferem investir mais em cada criança, oferecendo-lhes melhores oportunidades na vida.

As ideias de Becker sobre o comportamento humano lhe renderam o Prêmio Nobel de Economia de 1992 e, embora seu tratamento de um assunto tão complexo como a fertilidade tenha negligenciado o papel das preferências e normas e valores culturais, ele apontou uma importante tendência social. Atualmente, muitos pais preferem investir mais de seu tempo e recursos em um número menor de filhos e oferecer-lhes a melhor chance possível de sucesso, seja iniciando um plano de poupança para a faculdade ou pagando por atividades extracurriculares. Como explica Philip Cohen, sociólogo da Universidade de Maryland: “Queremos investir mais em cada criança para oferecer-lhes as melhores oportunidades de competir em um ambiente cada vez mais desigual.” Nessa perspectiva, as crianças são projetos de investimento, com valores atuais líquidos e taxas de retorno.

Para entender como os pais tomam decisões sobre o número de filhos que gostariam de ter, é instrutivo calcular quanto gastam com cada um deles. Em 2015, o governo federal calculou que a família norte-americana média gastava a impressionante quantia de US\$233.610 para criar um filho até os 17 anos. Esse valor pode facilmente dobrar se incluirmos o pagamento da faculdade. No meu computador, tenho uma planilha na qual listo nossa renda familiar e nossas despesas a cada ano.

É impressionante notar que eu e minha esposa podemos acabar gastando mais de meio milhão de dólares com cada uma de nossas duas filhas, supondo que elas se formem em uma faculdade cara. Criei uma segunda planilha com as mesmas informações, excluindo minhas filhas dos cálculos. Na parte inferior dessa segunda planilha, em vez de duas filhas altamente instruídas, temos uma Lamborghini e uma casa de férias na costa de Jersey.

Os “BIG BROTHERS” DO GOVERNO PODEM INFLUENCIAR NOSSAS DECISÕES SOBRE FERTILIDADE?

Alguns anos atrás, o governo de Singapura tentou colocar essa questão à prova. Ele temia que os casais dessa pequena e rica nação insular, onde três quartos da população são de etnia chinesa, deixassem de ter filhos em favor dos “cinco C’s” — caixa (dinheiro), carro, cartão de crédito, condomínio e clube de campo. As autoridades escreveram uma carta a uma amostra de casais sem filhos, argumentando que era necessário que o país tivesse uma população jovem para sustentar o crescimento de sua economia em expansão. A missiva incluía uma oferta incomum: férias gratuitas em Bali, que o governo pensou que ajudariam os casais a entrar no clima. Os casais, ansiosos por uma chance de passar algum tempo em uma bela praia, aproveitaram a oportunidade. Mas, apesar de terem aproveitado as férias, não cumpriram a sua parte do acordo — nenhum bebê nasceu, pelo menos não o suficiente para satisfazer as autoridades do governo. O programa-piloto foi interrompido após nove meses.

A República Popular da China também tentou mudar as tendências da população com sua política draconiana de filho único. No final da década de 1970, diante de uma economia coletivista atrasada e desorganizada, os reformadores chineses, liderados pelo visionário Deng Xiaoping, concluíram que o rápido crescimento populacional do condado só poderia levar à pobreza continuada. Eles estudaram cuidadosamente a história chinesa: a população de seu país cresceu aproximadamente no mesmo ritmo da Europa Ocidental entre 1500 e 1700, mas muito mais rápido durante os anos 1700, um longo período de paz e prosperidade que permitiu que a produção agrícola se expandisse de uma maneira sem precedentes. Durante esse período, a produção dos campos de arroz e trigo aumentaram de duas a até três vezes, e novas culturas transplantadas das Américas, como milho e batata-doce, ajudaram a aumentar a produtividade. Isso aumentou o padrão de vida em regiões da China ainda mais cedo do que na Inglaterra, o berço da Primeira Revolução Industrial. Entre 1800 e

1950, o crescimento da população realmente *desacelerou* na bacia hidrográfica do Rio Yangtzé. Muito disso também se deveu a fatores como exploração agrícola excessiva, turbulência política, guerras civis e intervenções e invasões estrangeiras.

Mas então, apesar da terrível fome causada pelo Grande Salto Adiante da década de 1950 e do deslocamento da Revolução Cultural da década de 1960, a República Popular da China adicionou entre 120 e 150 milhões de pessoas durante cada uma das três décadas, entre 1950 e 1979. A China estava, então, perto de se tornar o primeiro país a ter uma população superior a 1 bilhão. Deng e seus colegas reformadores concluíram que, se algo não fosse feito, o país enfrentaria uma ruína econômica. Em 1979, a política coercitiva de filho único foi lançada.

Porém, os formuladores de políticas desconheciam o fato de que a fertilidade na China estava caindo vertiginosamente desde os anos 1960, com a maior parte dessa diminuição causada pelos mesmos fatores das outras partes do mundo: urbanização, educação das mulheres e sua participação no mercado de trabalho e a crescente preferência por dar melhores oportunidades de vida às crianças, em vez de se ter um grande número delas. Eles não pensaram lateralmente sobre o problema. Considere os seguintes dados: em 1965, a taxa de fertilidade na China urbana era de cerca de 6 filhos por mulher. Em 1979, quando a política do filho único entrou em vigor, ela já havia caído para cerca de 1,3 filho por mulher, bem abaixo do nível de substituição de pelo menos 2 filhos por mulher. Enquanto isso, na China rural, a fertilidade pairava em torno de 7 filhos por mulher em meados da década de 1960, um número que diminuiu para cerca de 3 em 1979. Durante o período da política do filho único, a taxa urbana caiu de 1,3 para 1,0, enquanto a taxa rural diminuiu de 3 para 1,5. Como apontaram os demógrafos que escrevem no *China Journal*: “A maior parte do declínio da fertilidade da China não pode ser atribuída à política do filho único.” A desaceleração foi motivada pelas decisões das pessoas sob as circunstâncias em evolução, não pelos burocratas do governo. “A campanha do filho único se baseou em política e pseudociência, não em necessidade, e muito menos em questões demográficas”, concluíram os especialistas.

Em 2015, a China eliminou completamente a política. Agora o crescimento da população na segunda maior economia do mundo será retomado? O ganhador do Nobel e economista Amartya Sen observa que “o progresso das mulheres superou a política do filho único da China”. O acesso à educação e às oportunidades de trabalho continua se expandindo para as mulheres chinesas, o que significa que é improvável um aumento no número de crianças. Como ponto de comparação, nas vizinhas

Taiwan e Coreia do Sul — onde essa política nunca existiu — a taxa de fertilidade gira em torno de 1,1 filho por mulher, bem abaixo do atual nível de 1,6 da China. No final, o *slogan* popular “O desenvolvimento econômico é o melhor contraceptivo” provou ser tão verdadeiro na China quanto em outras partes do mundo.

Ironicamente, o maior impacto da política do filho único será geracional. Em 2030, a China terá 90 milhões *a menos* de pessoas entre 15 e 35 anos, e 150 milhões *a mais* de pessoas com idade superior a sessenta. O país está passando pelo maior e mais rápido processo de envelhecimento populacional do mundo. Analisaremos as implicações dessas enormes mudanças geracionais no Capítulo 2.

O SURPREENDENTE BENEFICIÁRIO DA POLÍTICA DO FILHO ÚNICO DA CHINA

Hoje em dia, as notícias estão cheias de histórias sobre déficits comerciais, roubo de tecnologia e espões chineses disfarçados de empresários. “Uma em cada cinco empresas diz que a China roubou sua propriedade intelectual”⁴, dizia uma manchete de 2019 na revista *Fortune*. Parece que, de acordo com muitos, a China quer alcançar os Estados Unidos e outros países ocidentais, e que a próxima gigante global está a caminho de nos ultrapassar por bem ou por mal.

Alguns políticos ou jornalistas consideram que a política do filho único da China representou um golpe de sorte extraordinário para o consumidor norte-americano. Em um exemplo interessante de pensamento lateral, os economistas encontraram uma conexão improvável entre fertilidade e economia. Embora fosse lei, a política do filho único criou um desequilíbrio de gênero de cerca de 20% mais homens jovens do que mulheres, impulsionado pela preferência cultural por meninos. “Uma proporção distorcida entre os sexos está causando estragos nos casamentos chineses”⁵, dizia uma manchete de 2017 no *Economist*. “Na China”, ecoou o *New York Times*, “um dia dos namorados solitário para milhões de homens”⁶. Os pais, então, decidiram tomar as rédeas da situação. “Devido à intensificação da concorrência no mercado de casamentos, as famílias com um filho aumentam suas taxas de poupança, na esperança de melhorar as chances de encontrar uma esposa para ele”, concluíram os

4 NT: tradução livre do original em inglês “One in Five Companies Say China Has Stolen Their Intellectual Property”.

5 NT: tradução livre do original em inglês “A Distorted Sex Ratio Is Playing Havoc with Marriage in China”.

6 NT: tradução livre do original em inglês “In China, A Lonely Valentine's Day for Millions of Men”.

economistas Shang-Jin Wei e Xiaobo Zhang, depois de analisar exaustivamente uma grande quantidade de dados. “O aumento na proporção entre os sexos, de 1990 a 2007, pode explicar cerca de 60% do aumento real na taxa de poupança das famílias durante esse período.” Esse fenômeno tem sido tão difundido que a China exportou não apenas uma variedade de produtos manufaturados, mas também seus excedentes de poupança. O consumo voraz dos norte-americanos foi financiado principalmente por meio da poupança das famílias. Sem o desequilíbrio de gênero chinês e seu alto nível de poupança associado, os norte-americanos teriam que pagar taxas de juros mais altas em suas hipotecas e crédito ao consumo nas últimas duas décadas. Por exemplo, se as taxas de juros de um crédito hipotecário fixo de trinta anos tivessem sido em média 6% nos últimos vinte anos, em oposição aos 5%, a mensalidade teria sido cerca de 25% maior, restando muito menos dinheiro para outras aquisições. Assim, o custo de aquisição de uma casa em São Francisco tem realmente algo a ver com o preço do chá na China, como diz o velho ditado.

O desequilíbrio de gênero chinês também afetou o consumo na nova economia digital. Considere quanto dinheiro as pessoas gastam em serviços de namoro digital de vários tipos. As plataformas de namoro têm, atualmente, centenas de milhões de clientes em todo o mundo, que gastam um total de cerca de US\$5 bilhões por ano. As pessoas estão utilizando essas plataformas em busca de possíveis cônjuges, relacionamentos afetivos ou encontros casuais. Mas as diferenças nos padrões de consumo por nação são reveladoras. Na China, apenas 2% dos gastos totais destinam-se a aplicativos de encontros casuais, enquanto que, na Europa e nos Estados Unidos, 21% dos gastos são destinados a plataformas que oferecem exatamente isso, como Ashley Madison, C-Date, First Affair, Victoria Milan e Tinder. Por outro lado, 85% dos gastos na China destinam-se a serviços de *matchmaking*, ou “casamenteiros”, como Baihe e Jiayuan, em comparação com apenas 40% na Europa e nos Estados Unidos. Essa disparidade é facilmente explicada. Para os homens chineses, encontrar uma parceira para um relacionamento longo (em oposição aos encontros casuais) é mais importante, pois o desequilíbrio de gênero criou uma espécie de crise nacional. Também não é de se espantar que as mulheres chinesas se tornaram muito mais seletivas. Em um experimento envolvendo perfis falsos de homens e mulheres em uma das maiores plataformas de namoro da China, “homens de todos os níveis de renda visitaram nossos perfis femininos de diferentes níveis de renda a taxas aproximadamente iguais”, descobriram os autores. “Por outro lado, uma taxa mais alta

de mulheres de todos os níveis de renda visitaram nossos perfis masculinos com renda mais alta... nossos perfis masculinos com nível mais alto de renda receberam dez vezes mais visitas do que aqueles com nível mais baixo.”

Curiosamente, em outros países, o desequilíbrio de gênero vai na direção oposta. Na Rússia, há um déficit de homens jovens, porque muitos deles morrem prematuramente, principalmente devido ao consumo excessivo de álcool. O problema parece ser tão grave que, em algumas regiões da Sibéria, a escassez de homens em idade núbil levou as mulheres a pressionar o governo para legalizar a poligamia. Segundo Caroline Humphrey, antropóloga da Universidade de Cambridge, as mulheres siberianas estão cada vez mais convencidas de que “metade de um homem bom é melhor que nenhum homem”. Elas argumentam que “a legalização da poligamia seria uma bênção: daria a elas direitos ao apoio financeiro e físico de um homem, legitimidade para seus filhos e direitos a benefícios estatais”. Nem é preciso dizer que a solução ideal seria a China e a Rússia negociarem entre si, dado que a China tem mais homens e a Rússia, mais mulheres. Infelizmente, o desequilíbrio de gênero chinês é sete vezes maior que a lacuna de gênero russa, porque a população chinesa é muito maior. Isso é trabalho para os aplicativos casamenteiros.

AS NOVAS CRIANÇAS DA ÁREA: O BABY BOOM AFRICANO

Embora as populações não estejam sendo renovadas na Europa, nas Américas e no Leste da Ásia, elas estão crescendo na África Subsaariana, porém muito mais lentamente do que no passado. Mesmo assim, sua população deve crescer dos atuais 1,3 bilhão para 2 bilhões até 2038 e 3 bilhões até 2061. Algumas pessoas preveem que uma grande guerra ou uma epidemia devastadora pode atrapalhar o impulso demográfico da África. O conflito armado que resultou no maior número de mortos da história foi a Segunda Guerra Mundial, que exterminou 50 a 80 milhões de vidas, mas afetou a África apenas tangencialmente. Até o momento, a epidemia global de AIDS resultou em 36 milhões de mortes, das quais dois terços ocorreram na África, sendo África do Sul, Nigéria, Tanzânia, Etiópia, Quênia, Moçambique, Uganda e Zimbábue os países que mais sofreram. No entanto, a Figura 3 mostra, ao representar a distribuição regional da população, que, durante as décadas de 1980 e 1990, quando a epidemia era mais letal, a curva populacional para a África quase não se alterou. Assim, apenas uma guerra ou epidemia massiva que custasse centenas de milhões de vidas alteraria significativamente o crescimento demográfico do continente em relação a outras partes do mundo.

Você pode estar pensando que a África não é capaz de acomodar seu crescimento populacional projetado. Considere, no entanto, quão *grande* é a África. As representações cartográficas do continente em nossos livros escolares subestimam muito seu tamanho real em relação ao Hemisfério Norte. A Figura 4 mostra que a massa terrestre da África é quase tão grande quanto o território da China, da Índia, da Europa Ocidental e Oriental, dos Estados Unidos e do Japão juntos.

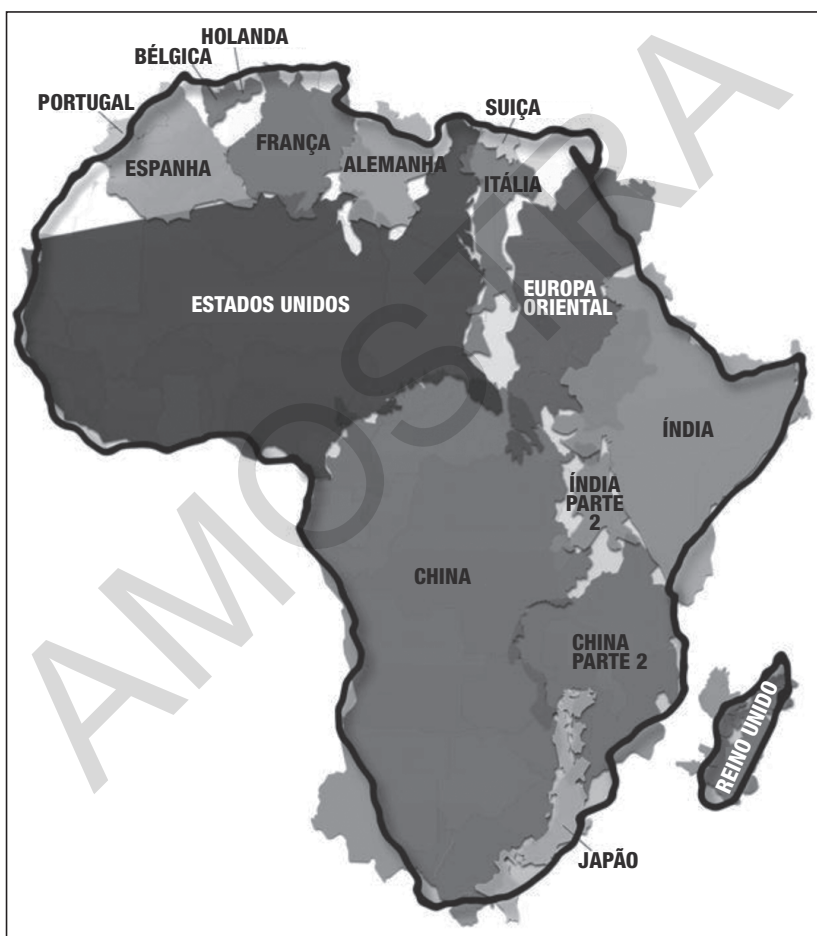


FIGURA 4

Sem dúvida, existem grandes desertos praticamente inabitáveis na África. Mas isso também é verdade para cada um desses outros países no mapa (exceto o Japão). Até a Europa tem desertos — o famoso filme *Lawrence da Arábia* foi filmado não na Península Arábica, mas principalmente no sul da Espanha. Mas, mesmo levando em consideração a vastidão dos desertos africanos, o continente contém a terra mais subdesenvolvida, porém fértil, para o desenvolvimento agrícola do planeta. Dado o tamanho da África, sua superpopulação parece improvável. Atualmente, o continente possui 1,3 bilhão de pessoas. Outros países neste mapa têm populações que excedem 3,5 bilhões. Hoje, a densidade populacional por quilômetro quadrado é mais de três vezes maior na Ásia do que na África, e quatro vezes na Europa.

O crescimento populacional da África cria alguns problemas complexos. O continente abriga alguns dos focos mais turbulentos de conflitos religiosos e étnicos do mundo. Décadas de guerras civis intermitentes, alimentadas pela Guerra Fria, causaram estragos na infraestrutura do continente. Em particular, as instituições políticas e sociais — das estruturas governamentais ao judiciário e à sociedade civil — sofreram imensamente ou nunca se desenvolveram, resultando na maior concentração de “estados falidos”. Cerca de metade dos 54 estados soberanos da África são assolados pelo caos político, pela anarquia e pela ilegalidade. Grande parte da migração das áreas rurais para as cidades, e das cidades para fora do país, principalmente para a Europa, se deve a conflitos e violência, que colocam em risco não apenas a segurança pessoal, mas também o desenvolvimento econômico.

Portanto, a África não é isenta de riscos, mas os possíveis retornos para sua própria população crescente são enormes. Devido à sua população cada vez maior, a África não pode mais ser ignorada. Para o bem ou para o mal, suas fortunas serão importantes a nível global. Se tudo correr bem, a África será uma inspiradora fonte de dinamismo para o benefício de todo o mundo. Se as coisas piorarem, as consequências negativas serão sentidas globalmente. A demografia não impõe um destino, mas molda a vida das pessoas.

ALIMENTANDO A POPULAÇÃO AFRICANA COMO UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE

A maioria das pessoas acredita que as maiores oportunidades de negócios estão no setor de serviços e podem ser exploradas por meio de plataformas ou aplicativos tecnológicos. Vamos pensar lateralmente sobre o crescimento da população africana.

Segundo o Banco Mundial, a agricultura africana se tornará um setor de trilhões de dólares até 2030. É uma verdadeira mina de ouro em formação, que pode muito bem transformar toda a economia global. O futuro dos bebês africanos, a maioria deles nascidos em áreas rurais, depende da transformação de seu setor agrícola. Apesar de sua enorme massa terrestre e abundância de água, o continente é atualmente um importador de alimentos. E enquanto as indústrias extrativas, como produção de cacau, mineração e petróleo, são fundamentais para as economias nacionais há mais tempo, o maior crescimento africano no futuro próximo resultará da expansão da agricultura e dos serviços e manufatura associados, atendendo à crescente população do continente. O desafio agrícola é duplo: cultivar até 500 milhões de acres de terra — mais ou menos o tamanho do território do México — e melhorar bastante a produtividade.

A África está prestes a testemunhar uma dupla revolução agrícola e industrial, semelhante ao que aconteceu na Europa, nas Américas e no Leste da Ásia nos séculos passados. Considere os benefícios de se criar uma dinâmica virtuosa em torno de um setor agrícola em expansão. Um agricultor precisa de melhores insumos, como sementes e fertilizantes, para aumentar sua produtividade e desfrutar de um melhor padrão de vida. Seu sucesso, por sua vez, estimula a criação de empregos na vila em apoio à agricultura, incluindo aqueles de reparo de tratores e outras máquinas. À medida que a agricultura de subsistência evolui para a agricultura de alto rendimento, os excedentes são transportados para as cidades em crescimento, reduzindo, assim, a quantidade de alimentos importados. A transformação dos produtos alimentares essenciais em produtos de panificação, frutas enlatadas ou pratos preparados cria ainda mais empregos — talvez dezenas de milhões deles em todo o continente, dando origem a uma economia industrial próspera e a um crescente setor de serviços, que distribui e vende os bens processados entre a população urbana. Essa é, em poucas palavras, a próxima revolução agrícola-industrial africana.

Para concretizar esse potencial, muitos tipos diferentes de organizações e empresas estão trazendo novas ideias e novas práticas para a agricultura africana. Por exemplo, a African Agricultural Technology Foundation⁷ apresentou as técnicas de teste de solo e seleção de sementes aos agricultores de subsistência. De acordo com o pessoal de campo da fundação, “alguns agricultores riram da sugestão de que, se eles preparassem os campos adequadamente, usassem as sementes e os fertilizantes adequados, sua colheita se multiplicaria dez vezes. É um idioma que eles nunca

7 NT: Fundação Africana de Tecnologia Agrícola, em tradução livre.